

# **BULLYING: IDENTIFICANDO O FENÔMENO NO MUNICÍPIO DE CURRAIS NOVOS**

**Juliana de Medeiros Franco LIMA (1)**

(1) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Endereço: Av. Senador Salgado Filho, Natal RN. E-mail: [juliana.lima@ifrn.edu.br](mailto:juliana.lima@ifrn.edu.br),

## **RESUMO**

O presente trabalho aborda a temática do bullying no município de Currais Novos, interior do Rio Grande do Norte. O impulso para a pesquisa surge de situações vivenciadas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte- IFRN Campus Currais Novos, onde foram detectados entre alunos dos anos iniciais do Ensino Médio, casos de bullying e cyber bullying, desestabilizadores do ambiente escolar. Realizamos uma pesquisa de campo por amostragem, onde visitamos 67% das escolas que ofertavam o 9º ano do Ensino Fundamental no referido município. Para realização da pesquisa, utilizamos questionários com base em instrumentos utilizados por Cléo Fante, estudiosa renomada na área em questão. A pesquisa nos trouxe vários dados próximos da realidade nacional e revelou algumas particularidades, contribuindo para identificarmos o fenômeno na cidade, bem como, serviu de base para um trabalho de conscientização junto a alunos e educadores do município. Detectamos também um índice considerável de desconhecimento acerca do tema. Comparamos os dados com o relatório final de uma pesquisa nacional divulgada em março de 2010, sob a coordenação geral da Profª Dr. Rosa Maria Fisher.

**Palavras-chave:** bullying, violência, escola.

## **1 INTRODUÇÃO**

Dentro da perspectiva de formação integral, proposta pelo IFRN em sua função social, descrita em seu Projeto Político Pedagógico, é papel da instituição preocupar-se com todo e quaisquer aspectos que influenciem a vida escolar dos alunos e a sua formação cidadã. Este trabalho investiga o bullying no município de Currais Novos, interior do Rio Grande do Norte. Confundido muitas vezes com brincadeiras próprias da idade, o bullying se caracteriza pela intencionalidade das ações, frequência dos atos e sofrimento das vítimas. Trata-se ainda de um fenômeno antigo, mas que só agora vem recebendo atenção e divulgação crescentes, inclusive na mídia.

A partir de casos identificados no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, campus Currais Novos (IFRN CN) entre os alunos do Ensino Médio regular integrado ao Ensino Profissional, sentimos a necessidade de investigar a realidade do município quanto à violência nas escolas. Alunos do 9º ano foram escolhidos por serem o nosso mais breve futuro alunado, possibilitando que delineássemos o problema antes mesmo dele adentrar nossos espaços.

Optamos por analisar oito escolas num universo de doze instituições que ofertam o 9º do Ensino Fundamental do município. Cada escola teve uma turma do 9º ano investigada por escolha aleatória. Selecionamos duas escolas da rede privada, e seis da rede pública. Através de uma pesquisa de campo, entrevistamos um total de 215 estudantes.

Nossa pesquisa confirmou a ideia de que o fenômeno se faz presente em todas as escolas, sem distinção de público ou privado. Observamos semelhanças com os dados de uma pesquisa recente, de cunho nacional, coordenada pela Profª Dr. Rosa Maria Fisher. Verificamos ainda, algumas particularidades na manifestação do fenômeno em Currais Novos, como por exemplo, o fato de ocorrer em 61% dos casos no banheiro, contra 1,5% da média nacional.

Identificar o problema é, sem sombra de dúvidas, o primeiro passo para futuras intervenções. Nesse sentido, nossa pesquisa contribuiu para identificação do problema no município, bem como, serviu de base para um trabalho de conscientização que extrapolou os muros do Instituto.

## 2 BULLYING

Estudos sobre o assunto se iniciaram nos anos de 1970 na Suécia e Dinamarca. Na década de 1980 a Noruega desenvolveu uma enorme pesquisa sobre o tema, disseminando-o por vários países europeus, o que culminou com a chegada das discussões no Brasil. Dessa forma, somente em fins dos anos de 1990 e início de 2000, começamos a estudar o problema.

Pesquisas recentes sinalizam para uma nova denominação do que vem a ser um fenômeno antigo: a violência nas escolas. O Bullying é, portanto, um fenômeno já conhecido, porém sob nova roupagem. Palavra de origem inglesa, de difícil tradução, existem vários termos para defini-lo: apelidar, xingar, humilhar, dar soco, dar pontapé, empurrar, isolar, difamar, zombar, dentre outros.

Muitas vezes o fenômeno é confundido com brincadeiras próprias de jovens, mas os estudos revelam que não só jovens são acometidos por essas supostas “brincadeiras” mas também os adultos, inclusive no trabalho- é o que chamamos de mobbing: bullying no trabalho.

Além disso, para uma brincadeira ser considerada bullying ela deve ter caráter repetitivo e intencional, causando dor, angústia e sofrimento nas vítimas. De acordo com Fante; Pedra (2008 p.130):

O bullying é um fenômeno encontrado em todas as escolas. É conceituado como sendo um conjunto de comportamentos agressivos e intencionais, adotados por um ou mais alunos contra outro(s), sem motivação evidente, causando dor angústia e sofrimento. Pesquisas realizadas na Argentina, no México, no Brasil, na Espanha e no Chile revelaram que somos campeões de bullying escolar.

Comumente retratado em filmes americanos, como por exemplo em “Meninas malvadas” ou mesmo no documentário “Tiros em Columbine” que narra a história de uma tragédia envolvendo a morte de alunos e funcionários de uma escola norte americana, causada por dois alunos vítimas constantes de zombarias, o fenômeno na verdade tem abrangência mundial e infelizmente apresenta destaque para o Brasil.

O bullying é assunto sério, pois interfere na aprendizagem, na socialização e na saúde emocional dos envolvidos.

De acordo com Fante; Pedro (2008) o Bullying se apresenta nas formas física (bater, chutar, beliscar), verbal (apelidar, xingar, zoar ), moral (difamar, caluniar, insinuar), sexual (abusar, assediar, insinuar), psicológico (intimidar, ameaçar, perseguir), material (furar, roubar, destruir pertences) e virtual (zoar, discriminar, difamar, fazendo uso da internet e do celular). A forma virtual é conhecida por cyberbullying e também tem se apresentado de forma indiscriminada e crescente em nosso país.

Denominamos de vítimas àqueles que sofrem humilhações, de espectadores àqueles que assistem às agressões e de agressores os que agredem, podendo um mesmo indivíduo encaixar-se em mais de um perfil. As consequências são para todos, inclusive os espectadores.

As vítimas geralmente são pessoas que não apresentam habilidades de defesa, inseguras, pouco sociáveis. Já os agressores geralmente são indivíduos com pouca empatia, advindos de famílias desestruturadas, carentes de relacionamento afetivos positivos e de supervisão adulta. Os espectadores ou testemunhas são pessoas que temem represálias, por isso, na maioria das vezes se mantêm silenciosas.

Esse tipo de violência pode trazer sérias consequências para os estudantes: as crianças poderão não superar os traumas sofridos na infância, crescendo com sentimentos negativos, baixa auto-estima e tornando-se adultos com sérios problemas de relacionamento, apresentando comportamento agressivo e poderão tornar-se praticantes do mobbing ou mesmo em casos extremos, cometer suicídio.

Segundo matéria da revista Construir notícias (O QUE É BULLYING..., 2008, p. 6): “[...] muitos passam a ter baixo desempenho escolar, resistem ou recusam-se a ir à escola, chegando a simular doenças. Trocam de colégio com frequência ou abandonam os estudos. Há jovens que com extrema depressão, acabam tentando ou cometendo o suicídio”

E ainda, de acordo com Fante; Pedro ( 2008 p. 85):

Dependendo da predominância dos tipos de registros acumulados na memória, se traumáticos ou prazerosos, o indivíduo disporá ou não das habilidades de auto-afirmação e de auto expressão necessárias a sua auto-realização. No caso dos que foram envolvidos no bullying, principalmente os que foram vítimas, sendo expostos a situações intimidatórias e constrangedoras, pode ocorrer a formação de uma estrutura psicológica caracterizada por auto-estima rebaixada e inabilidades relacionais. Eles poderão ter suas mentes dominadas por sentimentos e emoções marcadas por excessiva insegurança, ansiedade, angústia, medo, vergonha, etc, prejudicando sua capacidade de raciocínio e aprendizado.

Estresse, altos índices de estresse, causando diminuição da resistência imunológica e diversas doenças psicossomáticas (grastite, úlcera, colite, bulimia, anorexia, herpes, rinite alérgicas, problemas respiratórios, obesidade, dentre outros problemas), além de ansiedade, tensão, raiva, medo, angústia, tristeza, apatia, retraimento, cansaço, sensação de impotência e rejeição, sentimentos de abandono e de inferioridade, mágoa, oscilações de humor, depressão, desejo de vingança e pensamentos suicidas, são consequências dessa manifestação de violência.

### **3 DESCRIÇÃO DA PROPOSTA**

Dentre as atividades da pedagogia desempenhadas no IFRN, localizado no município de Currais Novos, desenvolvemos em 2009, um trabalho preventivo ao bullying com alunos do 1º ano dos cursos integrados. O Trabalho foi realizado durante um semestre letivo, na disciplina de Orientação Educacional, a qual contava com duas aulas semanais. Este trabalho culminou na realização de uma pesquisa de campo por amostragem, em escolas do município de Currais Novos, almejando identificar o fenômeno em turmas do 9º ano do Ensino Fundamental, uma vez que estas possivelmente seriam nosso mais breve futuro alunado. Os resultados desse trabalho foram apresentados em evento anual de exposição tecno-científica e cultural do referido campus: a EXPOTEC, em setembro de 2009, recebendo premiação de melhor trabalho científico do evento.

Mas de onde haveria surgido a preocupação com a temática? Em 2008, nos deparamos com casos de cyberbullying e bullying no interior da escola. Os alunos do então 1º ano integrado (oferta de Ensino Médio aliada ao Ensino profissionalizante) haviam montado uma comunidade num site de relacionamentos muito utilizado pelos jovens, onde eles elegiam os colegas mais idiotas e atribuíam termos pejorativos, apelidos constrangedores, além de agredirem os professores, com inclusive, ameaças de morte.

Essa foi a motivação para no ano seguinte, iniciarmos um trabalho preventivo com as turmas do 1º ano do Ensino Médio Integrado. Conscientizar os estudantes antes do fenômeno se manifestar foi algo bastante positivo. Durante um semestre letivo, com um encontro semanal (1h e 30 min.) durante as aulas de Orientação Educacional, o bullying foi apresentado, discutido, representado pelos próprios alunos, localizado em filmes, revistas, jornais, séries de televisão, enfim no cotidiano deles. Os estudantes, de fato, envolveram-se com o tema, foram afetados pela temática.

Como resultado do semestre letivo, tivemos ótimos materiais produzidos pelos alunos: cartazes e vídeos. Além disso, as novas turmas se mostraram mais solidárias com os colegas e não obtivemos nenhum registro sobre bullying entre eles. Observamos que envolveram-se mais com projetos de pesquisa, ensino e extensão que as turmas de ingresso anterior, além de apresentarem melhor rendimento escolar.

No entanto, outros casos isolados aconteciam nas demais séries. Era preciso expandir nosso trabalho. Ao fim da disciplina, os alunos das duas turmas que haviam ingressado no IFRN, e que receberam aulas de Orientação Educacional, onde foi desenvolvido o trabalho preventivo sobre bullying, foram convidados a trabalhar em um projeto para a já citada EXPOTEC. Conseguimos a adesão de 50% das duas turmas, o equivalente a aproximadamente 30 alunos.

Os alunos surpreenderam com a seriedade e compromissos apresentados. Participaram assiduamente dos encontros (um mês anterior ao evento) que eram sempre nos contra turnos das aulas. Traziam semanalmente,

material que poderia ser utilizado: revistas com reportagens, vídeos, séries de televisão e idéias, muitas idéias.

Com a ajuda deles, organizamos uma manual de orientações para aplicações de questionários. Relatórios sobre as aplicações dos questionários foram entregues e eles demonstraram satisfação na realização da pesquisa que foi também compartilhada nos nossos encontros de preparação para a EXPOTEC. Durante o evento recebemos visitas de estudantes, da comunidade em geral e de educadores. Três palestras foram agendadas com escolas do município e o Instituto forneceu transporte para as turmas se deslocarem ao local previsto para a palestra. Tratou-se de uma importante oportunidade de inserir o tema junto à comunidade local.

#### 4 METODOLOGIA

A pesquisa apresenta caráter exploratório e descritivo e tem por objetivo contribuir para redução do bullying no país, através da identificação- no município de Currais Novos, situado no Estado do Rio Grande do Norte, região nordeste do Brasil- do fenômeno bullying. A coleta de dados foi realizada durante a terceira e quarta semana de setembro de 2009. O questionário utilizado apresentava uma breve exposição sobre o conceito de bullying e o associava a ocorrência frequente de maus-tratos, estando focado em aspectos como: Conhecimento do termo bullying pelos alunos, manifestação de maus tratos no ambiente escolar; frequência de maus tratos entre os estudantes, como se sentem os estudantes diante dos maus tratos e incidência do bullying nas escolas.

Para a realização da pesquisa, optamos por analisar um total de oito turmas, cada uma pertencente a escolas diferentes, num total de 215 estudantes entrevistados, sendo duas escolas da rede privada, e seis da rede pública, divididas em duas municipais e quatro estaduais. Essas oito instituições de ensino estão inseridas no universo de doze escolas que ofertam o 9º ano do Ensino Fundamental no município analisado, correspondendo, a aproximadamente 67% das escolas da cidade. Lembrando que o 9º ano foi escolhido por portar o nosso mais breve futuro quadro de alunos, já que absorvemos discentes no 1º ano do Ensino Médio.

Os questionários foram aplicados por alunos do 1º ano do Ensino Médio integrado dos cursos de Alimentos e informática, sob coordenação pedagógica. Até sua aplicação foram vencidas as seguintes etapas: 1. Estudo e discussão sobre bullying; 2. Encontros semanais –durante um mês – onde ocorreu a orientação para aplicação dos questionários, entrega de material: envelopes, orientações por escrito, ofício solicitando colaboração das escolas, entrega de questionários, reunião de materiais sobre o assunto, confecção de material sobre o tema: cartazes, panfletos, camisas, vídeos, poesias e músicas. 3. Aplicação de questionários propriamente dita- visita às escolas; 4. Entrega do material recolhido e relatório da visita; 5. Tabulação dos dados. 6. Discussão dos dados encontrados. 7. Apresentação à comunidade (EXPOTEC).

#### 5 RESULTADOS, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

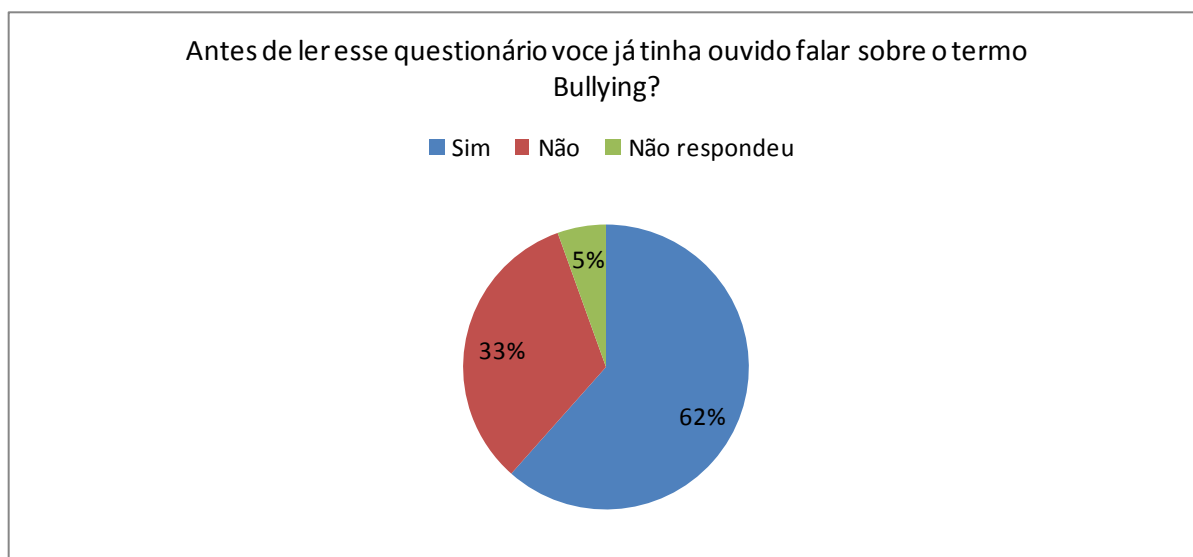
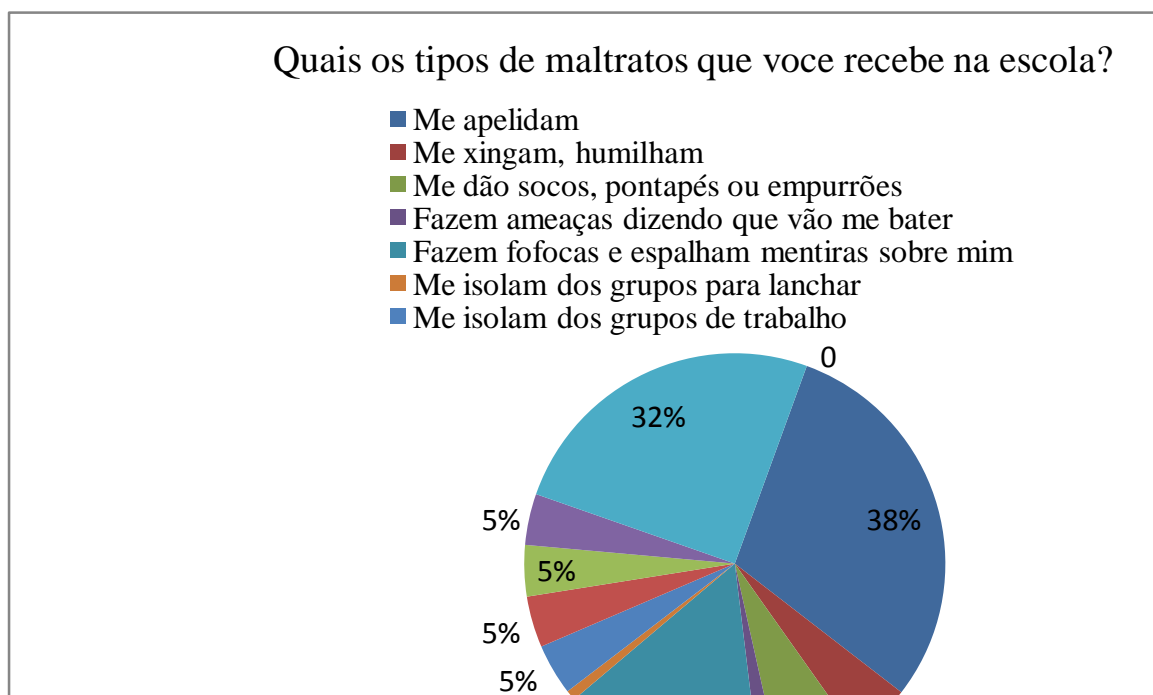


Gráfico 1 – Conhecimento sobre o bullying

O gráfico 1, confirma-nos a idéia de que o bullying deveria ser mais abordado nas escolas, quando 33% dos estudantes entrevistados responderam nunca terem ouvido falar sobre o termo bullying, visto que trata-se de um fenômeno extremamente comum, cotidiano. Esse dado pode ser reflexo da escassa atenção dada o problema da violência escolar até meados dos anos 90. De acordo com estudos de Pereira (2009, p. 34):

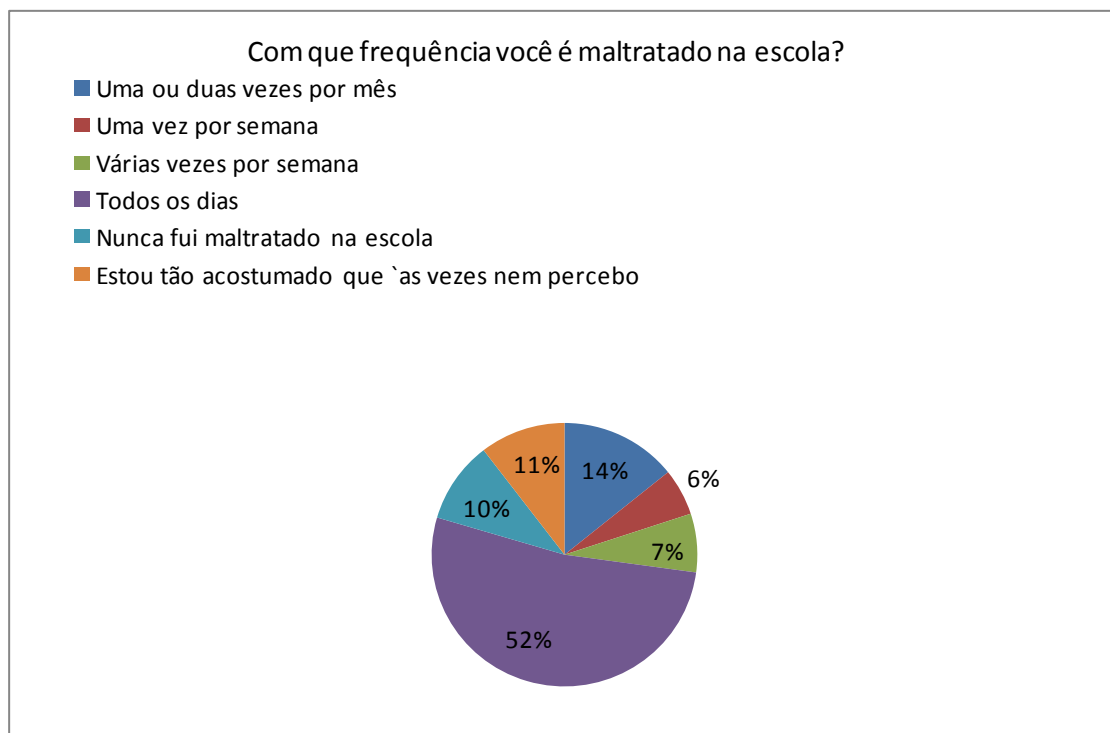
O tema violência escolar no Brasil, segundo Spósito ainda é pouco estudado. Em análise feita em 6092 trabalhos discentes de pós graduação num período de 15 anos (1980 a 1995), apenas quatro estudos examinaram a violência que atinge a unidade escolar, pois naquele momento [1980] não estavam sendo questionadas as formas de sociabilidade entre alunos, mas eram criticadas as práticas internas aos estabelecimentos escolares produtoras da violência.



**Gráfico 2 – Tipos de maltratos recebidos na escola**

Verifica-se a preponderância da violência velada, como fofocas e apelidos desagradáveis. No entanto, também chama-nos a atenção para o fato de que 8% dos alunos consultados sofram com socos, pontapés ou empurrões. Mas, esse índice é animador se comparado a média nacional de 52,7%. O índice de alunos que sofrem com apelidos aproxima-se da média nacional de 43,1% sendo uma prática bastante expressiva entre os maus tratos sofridos pelos estudantes. Já xingamentos e humilhações 6 % diferem bastante da média nacional de 51,7% para xingamentos. O item “fazem fofoca e espalham mentiras sobre mim” também apresentou uma incidência expressiva em nossa pesquisa: 32% e podemos relacionar esse dado com o quesito “disseram coisas maldosas sobre mim e minha família” da pesquisa nacional que obteve o valor de 47,1% entre os estudantes.

42,3% é a media nacional para o quesito “estragam minhas coisas”, enquanto que na nossa pesquisa detectamos apenas 5% de alunos afirmando sofrer com esse tipo de mau trato. Uma porcentagem de 5% dos alunos afirma ser zombado quando realiza perguntas nas aulas, 5% alegam receberem risadas e olhares diretos, 5% são isolados dos grupos de trabalho e de lanche e 32% dizem nunca terem sido maltratados na escola.

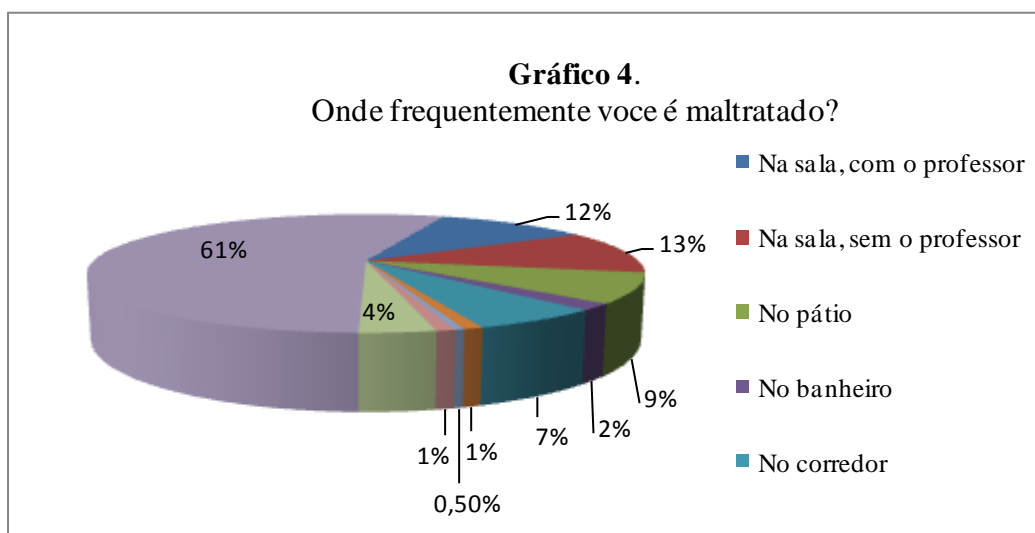


**Gráfico 3 – Frequência de maltratos na escola**

Verificamos um percentual altíssimo de frequência diária nos maus tratos sofridos entre alunos do 9º ano (52%). Se comparados com dados da média nacional- identificados pela pesquisa “bullying escolar no Brasil” realizada em 2009 em cinco regiões do País- estes estão bem acima da média, que é de 2% (agredidos diariamente) para meninos e 75% das meninas afirmam nunca terem sido maltratadas.

Outro dado por nós investigado foi a respeito de como os alunos se sentem ao serem maltratados pelos colegas. Este, aliado à frequência dos maus-tratos, permite-nos diferenciar o bullying de uma simples brincadeira de mau gosto. 10% dos estudantes afirmaram que se sentem tristes, 11% magoados, 9% chateados, 9% sentem - se indefesos sem a ajuda de ninguém, 21% afirma não sentir nada e 40% afirmou nunca ter sido maltratado na escola. Inferimos, pois que 60% dos alunos vêm sofrendo de alguma forma com diferentes tipos de agressões.

Se compararmos com os dados da pesquisa nacional encontraremos convergências e divergências: índices bem próximos de alunos que se sentem tristes 10%(nossa pesquisa) e 7,7%( pesquisa nacional ) e que afirmam nunca terem sido maltratados 40% ( dado oscilante na nossa pesquisa) e 47,8% ( pesquisa nacional). Já entre os alunos que se sentiram indefesos, encontramos 9% contra 3% dos alunos da pesquisa nacional e 21% que afirma não sentir nada, contra 3,2% encontrados na pesquisa de caráter nacional.



#### **Gráfico 4 – Local onde o estudante é maltratado**

No gráfico 4 chama-nos a atenção para o número de alunos que afirma ser maltratado no banheiro da escola, totalizando 61% dos entrevistados. Na pesquisa nacional que contou com participação de Cléo Fante, esse número cai para 1,5 %, já os dados “na sala com o professor” e “sem o professor” aproximam-se bastante da média nacional encontrada que é de 8,7% na sala com o professor e 12,8% na sala sem o professor. Também os ataques no pátio e corredores se aproximam da média nacional que é respectivamente 7,9% e 5,3%. No transporte escolar o nosso índice é metade da média nacional de 1% e no portão da escola temos um índice um pouco menor que a média encontrada de 1,8%. Não temos dados comparativos para a frequência de maus tratos no celular e na internet.

Corroborando com os resultados de nossa pesquisa, Pereira (2009) afirma que os ataques ocorrem geralmente sem a presença de adultos, tornando difícil reconhecer o problema, e os locais onde mais se manifestam são o pátio, os corredores, os banheiros e as salas de aula, uma vez que apresentam pouca fiscalização pelos profissionais da escola.

### **6 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante da constatação de Beaudoum; Taylor (2006) de que alunos que enfrentam conflitos na escola são geralmente infelizes, uma vez que boa parte de seus dias é gasto nas escolas, provocando um efeito desestruturante em suas vidas, é preciso repensar a atenção dada pelo sistema educacional a toda e qualquer manifestação de violência nesses espaços.

Vimos que o bullying é toda forma de violência física ou não, caracterizado sobretudo pela frequência com que os maus tratos ocorrem e o sofrimento causado nas vítimas. Nesse sentido, podemos afirmar, de acordo com os resultados obtidos, que identificamos a presença de bullying no município de Currais Novos entre os estudantes que estão prestes a ingressar no IFRN.

Dentre as manifestações do fenômeno, apelidos e fofocas somados representam 58% das agressões e 8% das agressões apresentam o caráter de agressão física. O município avaliado demonstrou uma tendência a agressões de caráter moral em detrimento de agressões físicas, o que pode ser tão ou mais danoso que estas. A esse respeito Beaudoum; Taylor (2006 p.45):

Como você determina o que doeu mais: o ato físico de empurrar, que talvez não deixe nenhum arranhão em quem foi empurrado e seja esquecido no dia seguinte, ou as palavras invisíveis ofensivas que precederam o empurrão e que podem torturar o coração do aluno durante semanas ou meses?

Assim, ter 8% como índice de maus tratos físicos entre alunos, não significa necessariamente que somos menos violentos que a média do país, dada nossa concepção ampla sobre as formas de violência.

Quando questionamos sobre a frequência das agressões encontramos dados alarmantes, um universo de 52% de estudantes afirma receber maus tratos todos os dias na escola. Para fins desta pesquisa, consideramos bullying a incidência de um ato violento por pelo menos três vezes, seguindo o padrão das pesquisas na área.

Um dado curioso surge: no gráfico dois, 32% afirmam nunca terem sido maltratados na escola, no gráfico três, apenas 10% afirma não ter sido maltratado na escola e no gráfico quatro, 61% dos entrevistados realizam a mesma afirmação. Acreditamos que esta oscilação deveu-se a conflitos no entendimento da expressão “maus tratos”, pois apesar do esclarecimento do termo ter antecedido a aplicação do questionário, muitas pessoas concebem maus tratos somente como violência física, numa concepção estreita de violência.

Os banheiros das escolas se apresentam como o local de maior preponderância dos ataques 61%, uma particularidade do município em relação ao restante do país, seguido pela sala de aula sem o professor 13%, sala de aula com o professor 12%, pátio 9%, corredor 7%, internet 4%, celular 1%, portão da escola 1% e transporte escolar 0,5%

Os dados obtidos vão ao encontro da realidade observada no Campus do IFRN Currais Novos, Instituição receptora dos alvos da pesquisa, na qual apelidos e fofocas são a principal forma de ataques observadas, inclusive no formato virtual.

Conhecer a realidade para nela intervir é um passo importante no combate ao problema. Através desta pesquisa podemos identificar primeiramente o desconhecimento do fenômeno por uma proporção considerável de estudantes: 33%, em seguida, conhecer que tipo de maus tratos esses estudantes vem sofrendo, verificando a supremacia de maus tratos como fofoca e apelidos pejorativos, o que se configura numa verdadeira cultura do deboche, do desrespeito ao outro. Pontuamos também como se sentem as vítimas e quais os locais onde esses ataques ocorrem e, principalmente para confirmarmos casos de bullying ou não, a frequência com que eles se manifestam, deixando claro para nós a presença do bullying no município.

Diante da identificação do fenômeno, qual seria então o papel das escolas? Gabriel Chalita (2008) em livro intitulado Pedagogia da amizade, onde discute o bullying, afirma que a escola reproduz a sociedade que a concebeu, gerando um ciclo vicioso que pode alimentar a violência e a exclusão, ou benéficamente, alimentar a felicidade e a boa convivência. É preciso intervir.

Intervir, pois dependendo do período em que a criança ou jovem for exposta aos ataques, poderá ter prejuízos irreparáveis ao seu desenvolvimento cognitivo, emocional e sócio educacional.

## REFERÊNCIAS

BEAUDOIN, Marie Nathalie; TAYLOR, Maureen. **Bullying e desrespeito:** como acabar com essa cultura na escola. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da amizade- bullying:** o sofrimento da vítima e dos agressores. São Paulo: Editora Gente, 2008.

FANTE, Cléo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar:** perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FISCHER, Rosa Maria (coord.). **Pesquisa:** bullying escolar no Brasil: relatório final. mar, 2010. Disponível em: <[http://mineiro13666.com.br/media/uploads/file/pesquisa\\_plan\\_relatorio\\_final.pdf](http://mineiro13666.com.br/media/uploads/file/pesquisa_plan_relatorio_final.pdf)> Acesso em: 22 jun. 2010.

MIDDELTON-MOZ, Jane; ZAWADSKI, Mar Lee. **Estratégias de sobrevivência para crianças e adultos.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

O QUE é bullying. Construir notícias, ano 7, n. 40, maio/jun. 2008.

PEREIRA, Sônia Maria de Souza. **Bullying e suas manifestações no ambiente escolar.** São Paulo: Paulus, 2009.

SANTOMAURO, Beatriz. Cyberbullying: a violência virtual. **Revista Nova Escola**, ed. 233, jun./jul. 2010.